

DA VARANDA SE PERCEBE A CASA

O livro de Josué: uma introdução à sua história e à sua literatura¹

O livro de Josué conta uma história de uma fulminante campanha militar, durante a qual os poderosos reis de Canaã foram derrotados nos campos de batalha e as tribos de Israel herdaram suas terras. É a história da vitória do povo de Deus (Finkelstein e Silberman, 2003, p.103).

Prof. Ms. Fábio Py Murta de Almeida

RESUMO

Com este artigo gostaríamos de nos dedicar ao livro de Josué. Para este intuito, nossa pretensão é apresentar segundo a abordagem da pesquisa histórico-crítica, quais são as possibilidades de se pensar em um entendimento sistêmico desta obra, enquanto literatura integrante do cânon cristão.

Palavras-chaves: Literatura sagrada, Josué, profetas, arquitetura e autoria.

ABSTRACT

In this article we would like to dedicate to the book of Joshua. To this intention, our wish is to present, according to the Approach of historical-critical research, what are the possibilities of thinking about a systemic understanding of this work, as integrated literature of the Christian canon.

Key-words: Sacred Literature, Joshua, prophets, architecture and authors.

¹ Este texto foi escrito inicialmente tendo em vista as aulas de Arqueologia e Sociedade do Mundo Bíblico, no programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo. Posteriormente, recebeu uma revisão para que pudesse ser partilhada junto a um curso bíblico que se realizou entre os irmãos e as irmãs nas dependências da Igreja Batista do Fonseca, em Niterói (Rio de Janeiro). E, por fim, tornou-se subsídio de leitura para os alunos do curso de Teologia Bíblica da graduação em Teologia (curso livre) do Seminário Teológico Batista de Niterói (Stbn).

INTRODUÇÃO

O livro de Josué pode ser encarado por nós como uma varanda espaçosa e aconchegante que entramos pela primeira vez.² Nela (varanda-Josué) se apresenta o que está sendo contemplado no restante da Obra Historiográfica Deuteronomista (no caso: Juízes, Samuel e Reis) e, ao mesmo tempo, se dá indicações do que está por vir nesta pequena casa tão aconchegante aos que à visitam.

Ora, ao olharmos esta varanda, permite-nos ter a noção do que veremos na casa, pois ela funciona como uma ponta da casa, como 'micro' que percebemos frente à totalidade – o 'macro'. Na varanda (como o livro de Josué) já vislumbramos a casa, dando mostras de qual é sua ordem, a arrumação e os tons que nos surpreendem ao longo desta nossa visita inicial.

Pois assim, o que se busca neste artigo é elucidar como que esta literatura vem sendo encarada diante das críticas bíblico-históricas, oriundas principalmente do diálogo bíblico-teológico com as ciências humanas. Para isso, percebemos o livro-texto tendo sua origem na experiência intercultural no que tange as raízes histórico, social, literário e antropológico da sociedade do mundo bíblico.³

Dentro de sua pauta introdutória este artigo, visa elucidar o caso da literatura de Josué, não a fundo a estruturação das perícopes encontradas nele, contudo, visamos reconhecer apenas as propostas de autoria do livro, a sua forma de escrita, seu nicho da escrita, seus temas (ou suas tradições) e de seu labor teológico.⁴

² Como se disse na primeira nota deste artigo (nota *), para que se compreenda a forma e a linguagem deste texto, se indica que ele teve valores dentro do ambiente religioso-comunitário trazendo sobre sua postura além de um valor instrumental (acadêmico), teve um valor teológico (da comunidade) e didático (ambiente da sala de aula). Contudo, para sermos mais pontuais, o que se busca quando se levanta uma série de metáforas e de figuras para apresentação do livro bíblico de Josué, é sim, buscar o respaldo do método de leitura bíblica da América Latina. É a busca de cumprir com os incentivos do frei Carlos Mesters em seu: 1981, p. 7-19. Método alicerçado numa conduta sociológica, sendo explicitado dentro da descrição do sociólogo Max Weber (1983) sobre a função da ciência e da política.

³ Para a questão interdisciplinar frente às cadeiras da área bíblica que vem sendo discutidas nos últimos anos, uma das concepções norteadoras vem do professor de teologia da Universidade Candido Mendes, Elcio Sant'Anna (2005, p. 7-14).

⁴ Aqui se parte do pressuposto de que com a exegese se busque inicialmente reconhecer elementos da origem dos fragmentos bíblicos, para que depois se dedique a uma arquitetura

Por isso, toda a compreensão deste trabalho será pautada na idéia de que estamos entrando numa varanda de um morador desconhecido, e, tendo em vista esta varanda, poderemos perceber traços do locatário. Por tudo, em termos de literatura bíblica, o elemento da autoria já é um ponto controvertido, até por que desde a crítica humanista se demonstrou que a autoria bíblica pessoal-individual (tão idealizada nas correntes protestantes) era vazia.

Enfim, não nos deteremos nessas discussões sobre a ‘autoria mítica’ dos livros bíblicos, mas apenas gostaríamos de apresentar como os autores e seus intérpretes trabalham esta questão. Dito isso, começaremos a olhar a varanda/Josué com mais cuidado a partir de agora. Para entendermos o apelido dado a seu morador-arquiteto, passamos abaixo a compreensão do nome do livro de Josué.

1. Ô DE CASA!?

Por costume quando se entra na varanda de uma casa de alguém, logo se pergunta pelo morador, ou pelo ‘de casa’. Este costume é válido, pois assim, não falamos o nome de alguém que não se conhece, mas apenas chamamos pelo seu habitante.

Em relação ao livro de Josué, o significado do nome se é importante de ser indicado, pois ele introduz a obra (conferir o capítulo 1). Portanto, o nome Josué (*yhvsh*) tem relação com a expressão “Yahweh salva”⁵. Ora, mesmo sabendo que esta como toda tradução carece de ajustes e apontamentos, devemos considerar que este nome surgira da junção da partícula *yh* (uma abreviação de “Yahweh”), com a contração *sh* que significa: “salvar”. Formando então a contração: “Yah salva”, ou mesmo, “Deus salva”.

dos textos, cada qual frente á seu tempo específico, para uma indução da construção e da harmonização dos textos bíblicos, cf. a tese doutoral de Haroldo Reimer (1992, p.32-57), quando busca orquestrar o livro de Amos tendo em vista os panfletos e manchetes de Amos, pastor de Têcua.

⁵ Os detalhamentos sobre o possível nome do divino e sua composição com o tetragrama Yhwh (Javé), vide Felix Gradl (2001, p. 59-76). Agora, gostaríamos de dizer que as transliterações que foram usadas não são (tão) recorrentes nas gramáticas de língua hebraica, já que a pretensão neste artigo é de permitir tanto a leitura da academia e quanto ao público leigo para esta vontade, cf. Schwantes, 1987.

O problema é que desde as críticas bíblicas históricas, formuladas por Wilhelm Martin Leberecht de Wette, percebeu-se que o de livro Josué, não deveria ser dado à autoria do personagem. As propostas de Wilhelm Martin Leberecht de Wette, foram diretamente responsáveis pelas radicalizações posteriores dos seus discípulos, por exemplo, o caso de Jean Astruc - autor que por sua formação em biologia propôs dissecar os textos bíblicos da forma que fazia com o bisturi.

As formulações de Wilhelm Martin Leberecht de Wette e de Jen Astruc foram ampliadas pelo teórico prussiano, Julius Wellhausen. Ele, que ratificou a crítica humanista iniciada por de W. M. L de Wette, acabando de desmistificar a autoria de Josué junto ao protagonista do livro. Com suas hipóteses começou a perceber que este livro (sagrado) pudesse ser encarado com ônus humano, podendo ser analisado como literatura (Niher, 2003, p.170-176).

Antes disto, tanto da linha cristã, quanto o lado da tradição rabínica responderiam sobre a pergunta da possível autoria do livro como sendo mesmo da pessoa de Josué. Percebemos isso, quando fazemos uma leitura expansiva do cânon, desde o fim do livro de Deuteronômio até o início do livro de Josué. A herança da autoria deste livro se permitiu a Josué pelo fato de herdar também o fim da narrativa de Deuteronômio, isto é, Deuteronômio 34,5-12.

Agora, para destacar a divergência na relação entre o personagem e a escrita deste livro, separamos o que foi escrito por Ernst Sellin e Georg Fohrer sobre sua autoria:

“O nome do livro foi tomado de seu personagem principal. Contra a tradição talmúdica de que o livro foi composto pelo próprio Josué, estão o seu caráter anônimo e as mesmas observações que se fazem contra origem mosaica do Pentateuco” (Sellin e Fohrer, 1977, p.289)

Tratar então, que sobre a questão da autoria, desde a crítica ensaiada pela ‘história das fontes’ e ‘das formas’ (ambas, ‘críticas das origens’ dos textos bíblicos) que quando se adentra a varanda para chamar pelo habitante da casa, Josué não mais apareceria. E para surpresa nossa, quem veio nos atender foi o grupo de proprietários das casas da região, dizendo que nós, poderíamos entrar na varanda e na casa sem problema.

Eles disseram que seus moradores chegariam a qualquer momento. Agora, voltando a falar sobre a literatura bíblica, o autor do livro de Josué segundo a crítica humanista deveria ser pensada como um grupo formado desde o pré-exílio (Dreher, 1992, p.36-50), passando pelo exílio (hipótese de Martin Noth), chegando até o período do pós-exílio, como defende José Luís Gonzaga do Padro (2005, p.28-36).

Neste caso, sobre a questão dos prováveis autores do livro, deixaremos momentaneamente de lado, voltando a tratar dela mais à frente, no momento que nos preocuparemos em averiguar as hipóteses que ocupam os pesquisadores hoje. Assim, após acontecer o fato desagradável de quando chegamos nesta bela varanda e ninguém nos atende, nos foi permitida a entrada pelos proprietários, então olharemos com detalhes a varanda, com suas cores, suas especiarias, e seu verde, enfim seus traços.

2. ENTRANDO DE FININHO...

Já que o morador não aparece para mostrar a casa, nos deteremos na sua varanda recheada de atrativos. Não dá para ficar nela sem repará-la. Tudo nela combina, e tem um 'que' de harmonia. Enfim, desviamos um pouco a atenção para que percebamos sua beleza, olhando seus detalhes, suas características. Sim porque, enquanto os seus moradores não vêm, estamos aqui vendo seu capricho na composição da bela varanda. Podendo assim, mesmo sem falar diretamente com seus moradores conhecermos mais um pouco de sua personalidade, sua vida.

Todavia, podemos dizer que a varanda - Josué na Bíblia, apresenta aos seus leitores três localidades, três espaços. Ora, nela primeiro se destaca algumas lendas que contam a história da chegada e da conquista da terra palestina. Estas se encontram nos primeiros doze capítulos do livro (Josué 1-12). A segunda parte do livro, está localizada nos nove capítulos subsequentes (isto é, Josué 13-22), nele principalmente se defende a terra por sua repartição entre as tribos. E, por fim, a terceira parte se localiza nos dois últimos capítulos do livro, Josué 23-24, onde se discute a despedida do líder Josué, e até mesmo em alguns detalhes sobre sua morte (Gradl, 2001, p.59-76).

Conquista da terra	Defesa da terra	Discurso de despedida ⁶
Josué 1-12	Josué 13-22	Josué 23-24

Nesse caso, se formos levar a sério os tópicos descritos acima, poderemos até esquematizar o livro na forma concêntrica, ou de 'sanduíche', no caso um 'sanduíche básico' formado de: 'pão' (**A**), 'queijo' (**B**) e 'pão' (**A**). Um molde hebraísta que salienta qual seria a parte mais importante dos textos bíblicos, parte que sempre deveras ficar no meio da 'estrutura de sanduíche'. Para isso, se metrificou a seguinte forma típica dos judeus:

[A Conquista da terra - Josué 1-12

B] Defesa da terra - Josué 13-22

A'] Discurso de despedida - Josué 23-24

Com este destaque compreendemos que na varanda de Josué se busca primordialmente a Defesa da Terra (B: Josué 13-22). Este, que é um símbolo do desenvolvimento da vida. Sim porque neste pedaço de texto se relata a distribuição das terras na região da Cisjordânia, algo que mesmo nos referindo estritamente à sociedade bíblica, não deixa de ser um tema muito atual, principalmente tendo em vista os confrontos que ocorrem ainda hoje na região palestina, ocasionados pela divergência histórica entre os palestinos e os novos - judeus.

Agora, mesmo perifericamente em relação ao tópico de Defesa da Terra (**B**), o livro apresenta primeiro umas listas de lendas e de sagas contidas nos seus doze primeiros capítulos. Parte no qual busca-se justificar por meio de narrativas grandiosas a chegada da terra do povo judaico. Em conjunto com as narrativas de Josué 1-12, o livro nos traz o bloco de Josué 23-24,

⁶ Nesse caso destacamos que no "Discurso de Despedida" o Josué 24,29-33 é um adendo ao texto de Josué, como uma glosa, cf. para isso Herbert Niher (2003, p.171). Um tipo de formulação em que deve ter sido aderida no livro posteriormente ao surgimento dos primeiros textos do livro de Josué.

considerado por grande parte das pesquisas, como sendo fruto de adendos posteriores – como destaca Werner H. Schmidt:

“Visto que as falas de Josué nos capítulos 23 e 24 correm num tempo paralelo, portanto dificilmente estiveram originalmente lado a lado” (Schmidt, 2002, p. 202)

Novamente, após se olhar os blocos temáticos do livro de Josué, sem maiores detalhamentos quanto ao aspecto dos gêneros literários e das narrativas, buscaremos focar com um pouco mais de atenção as formulações menores e os capítulos desta linda varanda que é Josué, frente os profetas anteriores. Para isso, nos embasamos na pesquisa dos estudiosos que optam pelo prisma das ‘origens’ dos textos bíblicos, pois com esta abordagem frente à literatura bíblica acreditamos poder detalhar uma re-construção dos pedaços de pregação (perícopes) que formariam o livro como um todo.⁷

Passamos a recorrer às pesquisas Ernst Sellin e Georg Fohrer (1977, p.275) para esta vontade mais detalhista. Estudiosos que buscam as formas literárias primordiais para reconstruírem os pedaços de pregação e os relatos quase que orais que deram origem ao livro reconhecido hoje, como Josué. Então o detalhamento apresentado abaixo busca pelos fragmentos bíblicos, a reconstrução do esquema redacional encontrado hoje sobre formulação ‘sanduíche’ (concêntrica) acima descrita.

Vide seu esquema:

A] Conquista da terra: Josué 1-12
Capítulo 1: Preparativos.
Capítulo 2: Reconhecimento de Jericó,
Capítulos 3-4: Travessias do Jordão,
Capítulo 5 Israel em Gálgala,

⁷ Já no início deste artigo já se evidenciou tal opção, e na nota de rodapé número 3 se definiu uma relação que julgamos relevante para re-construção bíblica, agora, detalhamentos sobre esta proposta cf. a particular dissertação de mestrado, Almeida (2007, p. 57-104).

Capítulo 6: Conquista de Jericó,
Capítulo 7 Furto de Acan,
Capítulo 8: Tomada de Hai, construção do altar sobre o monte Ebal,
Capítulo 9: Estratagemas dos gabaonitas,
Capítulo 10: Batalha nas proximidades de Gabaon; conquistas das cidades do sul,
Capítulo 11: Batalha junto a Meron; conquista do norte,
Capítulo 12: Lista dos vencidos.
B] Defesa da terra - Josué 13-22
Capítulo 13: Ordem; divisão da Transjordânia,
Capítulos 14-19: Divisão da Cisjordânia,
Capítulo 20: Cidades de asilo,
Capítulo 21: Cidades dos sacerdotes e levitas,
Capítulo 22: Construção de um altar na Transjordânia,
A] Discurso de despedida – Josué 23-24
Capítulos 23-24: Dois discursos de despedida de Josué.

Enfim, depois de avistarmos a varanda - Josué como ela está, ora por 'alto', e ora, um pouco mais de 'perto', uma questão nos conquistou. É que sabemos que a localização das peças, dos vasos e das plantas, faz sentido não só particularmente, mas também, em conjunto.

Pois bem, agora que temos certeza do bom gosto que o seu morador (ou moradores) tem para articular tantos elementos díspares em conjunto.

Assim, novamente nos imbuímos que para conhecer sem sermos diretamente apresentados ao habitante da casa (dono da varanda), gostaríamos a partir das características próprias de cada peça percebermos as épocas em que elas foram colocadas, criadas, ou então re-ajustadas.

Sim, porque desta forma estaremos indo mais a fundo nos marcos referencias destes moradores, habitantes da residência tão instigante de ser observada de fora. Passamos aos prováveis momentos em que a varanda fora organizada desde então.

3. COMO FOI COMPOSTA?

Como vocês leitores podem perceber a cada momento que passa, ficamos mais interessados por esta bela varanda da bela casa dos profetas anteriores/livros históricos. É que na varanda têm-se muitos detalhes, e ela é tão bela de ser observada, que faz tempo já que a estamos observando. Agora, nossa estratégia é simples, vamos procurar saber quando que os objetos, as plantas, os vasos e os ornamentos, foram colocados para saber melhor quem poderia ter feito, o belo de entrada da casa. No caso, se quer descobrir quem é, sem o conhecermos pessoalmente. Os minutos vão passando e a expectativa aumenta.

Então, voltamos a um detalhe que foi indicado no início do artigo, lá, quando se comentou sobre a designação do livro de Josué como personagem, autor e os significados ao seu nome. Passamos agora a detalhar um pouco mais sobre como fora pensada a formação da arquitetura desde os modelos cirúrgicos de Jean Astruc e de Wette, até as pesquisas mais reconhecidas com a moda da redação bíblica vista hoje.

3.1. Datas pela crítica bíblica

Como já se disse atrás, com o aprofundamento das questões humanistas e historicistas, as pesquisas de Jean Astruc e de Wette, são os pressupostos da pesquisa levantada por Julius Wellhausen (1975, p.98-165). Basicamente, Julius Wellhausen idealiza que ao invés de existir um Pentateuco, deveria existir sim um Hexateuco, ou seja, ao invés da composição de um bloco contendo os cinco primeiros livros da Bíblia, existiria um bloco formado de

seis livros bíblicos, considerando então o livro de Josué como parte do antigo Pentateuco.

Devemos entender o detalhe, pois por ele (Julius Wellhausen) descreve que o livro de Josué fora dividido junto com os cinco primeiros livros da Bíblia, sofrendo também a influência das chamadas fontes Eloista (E), Javista (J), Deuteronomista (D) e Sacerdotal (P). Para Julius Wellhausen, parte da redação do livro fora composta por volta do reinado de Josias no século VII a.C. E, ora quem apóia esta possível formulação para o livro ainda no século passado são os estudiosos Ernst Sellin e Georg Fohrer, chegando a declarar sobre o vínculo de Josué com as fontes do Pentateuco:

“Se queremos conhecer a história da origem do livro de Josué, devemos partir da antiga constatação de que os ‘estratos fontes’ do Pentateuco continuam até Juízes 2,5, precisamente ao contrário da análise simplificante de Noth” (1977, p.276)

A afirmação de Ernst Sellin e Georg Fohrer não é só relevante pelo seu conteúdo direto, mas mostra que em meados de 1969 (quando esta Introdução ao Antigo Testamento fora lançada na Alemanha), a questão das fontes do Pentateuco e de um possível Hexateuco, ainda tinha repercussão dentro da pesquisa bíblica. Contudo, um detalhe ainda se pode destacar nesta afirmação. Destacamos os detalhes da escrita de Ernst Sellin e Georg Fohrer, principalmente a crítica que fazem a pesquisa do estudioso da Universidade de Bonn, Martin Noth (1993).

Mas deixando de lado a qualificação da pesquisa de Martin Noth de simplista, a sua pesquisa salienta que o livro de Josué seria fruto de um autor deuteronomista. Ele que no exílio babilônico (na palestina), trata de um processo de re-tribalização do povo, e de uma distribuição de terra promovida pelos povos que nela habitam – como descreve especialmente o livro de Josué. Assim, a pesquisa de Martin Noth coloca o trabalho do livro de Josué nas mãos dos palestinos que ficaram na terra, local onde ocorrera sua distribuição, sobretudo pela dominação babilônica.⁸

⁸ Na América Latina um dos biblistas que trabalha com as propostas de Martin Noth é Milton Schwantes (1986). Ele que escreve um texto para uma série de conferências que fez no Chile nos tempos da ditadura militar, se baseando nas formulações de Martin Noth que visam desestabilizar ideologicamente qualquer tipo de autoritarismo, buscando animar os grupos de cristãos desiludidos com a vida diante das atrocidades patrocinadas pelo ditador Pinochet.

Portanto, para ele o livro de Josué faz parte da chamada Obra Historiográfica Deuteronomista (Ohd) que vai de Deuteronomio até o livro de 2Reis. Obra que no exílio palestino teria utilizado à disposição as tradições etimológicas e as narrativas de heróis inseridas nos capítulos 1 até 12⁹, e os capítulos de 13-21, com as distribuições das terras junto aos palestinos (Noth, 1967, p.18-46).

Saindo um pouco das 'críticas das origens' e indo para a 'crítica da redação', um outro trabalho de repercussão é o de Rudolf Smend. Para ele, houvera redações feitas pelo deuteronomista, inicialmente no exílio palestino, de material rascunhado no pré-exílio. Então o livro de Josué, para Rudolf Semnd, chegara ao pós-exílio, sendo nesta época acrescentadas outras redações chamadas de nomistas (DtrN – Niher, 2003, p.170-176).

Outra proposta representativa hoje na pesquisa do Antigo Testamento é a de Mark Görg. Pesquisador que basicamente vem colocando os capítulos 1-12 como originalmente pré-deuteronomista sendo revisitado várias vezes e mais tarde feito nele comentários pós - deuteronomistas. Assim, para Mark Görg os capítulos 13-19 pertenceriam à íntegra sacerdotal, e à parte final do livro fora fomentada pela redação final que acrescentou os capítulos 20-22 (Niher, 2003, p.170-176).

Enfim, a última proposta que gostaríamos de elucidar neste espaço é a de Herbert Niher¹⁰. Estudioso católico que propõe que a redação deuteronomista teria afligido os capítulos 1-12, de Josué – algo que até então tinha sido abandonado pela crítica da redação frente ao livro. Já, o material tido nos capítulos 13-22, teria punho tanto sacerdotal quanto deuteronomista, e por fim, os capítulos 23-24, são de um misto de fontes, ora deuteronomista, ora sacerdotal e ora, pós-deuteronomista.

⁹ As discussões sobre o livro de Josué referentes aos doze primeiros capítulos devem-se também muito à proposta de Albrecht Alt, quando ele compreendeu que estes capítulos têm uma série de lendas etiológicas locais, e ainda, sobre os capítulos seguintes determinou que ali existiriam as tribos e as divisas destas nas terras de Judá, para isso é importante que se veja o capítulo Albrecht Alt (1987, p.58-110).

¹⁰ Sobre todo esse processo de discussão de fontes, grupos autorais, e de formulações sobre o livro de Josué, é interessante que se veja o capítulo de Herbert Niehr (2003, p. 170-176). É um trabalho onde este autor se posiciona sobre as propostas, acabando por aderir a intervenção redacional sobre o livro.

3.2. Datas pela crítica histórica

Um outro enfoque de abordagem ao livro de Josué, pode ser percebido a parte na crítica literária bíblica. Opção que cada vez mais vem ganhando força, se solidificando junto às cadeiras de história e de arqueologia bíblica. Indo direto ao ponto, desde a abordagem de Norman K. Gottwald com seu “modelo de revolta”¹¹, se tem a impressão de que o que deve ter ocorrido na palestina com as narrativas de Josué não fora uma conquista da terra, mas sim uma revolta contra o sistema estatal cananita.

De fato, a proposta bíblico-arqueológica de Norman K. Gottwald levou a se re-pensar o valor das palavras encontradas no livro de Josué, porque o que normalmente era chamado de conquista e tomada da terra palestina pelos judeus liderados pelo personagem Josué, se tornara apenas uma revolta judaíta contra o poder e o estado cananita. Por Norman K. Gottwald já se admitia que os textos de Josué não retomassem o tempo da chegada na terra cananita, mas sim, os tempos posteriores como por exemplo, a época da fixação da monarquia em Judá, no reinado de Josias (Gottwald, 1988, 233-254).

Agora, parece que essa pergunta sobre o que ocorrera efetivamente junto aos relatos de Josué, é uma questão considerada em aberto até hoje. Até por que, a partir da percepção dos historiadores que colocam a formação do Israel em um curto espaço de tempo (chamados de minimalistas¹²), o próprio exílio babilônico pode ser questionado. Exílio que pode ter sido um evento questionável segundo os minimalistas mais radicais, sendo apenas um evento de efeitos psicológicos. Eles se respaldam principalmente no fato da crítica bíblica reconhecer qual seria o local vivencial da formação do grosso do livro de Josué.

Retirando assim sua composição do exílio (algo para eles inexistente), para o livro ser colocado dentro do pós-exílio persa. Passando a conquista da terra em Josué, como sendo um relato mítico resgatado com a chegada

¹¹ Não existe preferência em se chamar a proposição de Norman K. Gottwald (1986, p.42-46) de um modelo ou de uma teoria, ela que traz a idéia de que não deve ter havido uma tomada da terra (conquista da palestina), com feitos gloriosos, de um povo que vinha do deserto, mas uma, revolta dos camponeses contra a expressa rede de cidades estado cananistas.

¹² Para a nomenclatura e os autores minimalistas, e também para os chamados maximalistas (aqueles que trabalham a história de Israel em um espaço longo), vale a pena conferir o texto de Airton José da Silva (2001, p. 62-73).

na terra dos exilados babilônicos (Josué 1-12), e o processo de distribuição das terras, encontrado nos capítulos 13-22, que teria ocorrido como a distribuição das terras mediante a migração dos exilados para Judá. Um dos defensores na América Latina desta proposta é José Luiz Gonzaga do Prado¹³, um dos chamados 'biblistas mineiros'.

Em todo o caso, ao discutirmos a composição e a datação do livro, trabalhamos dois liames de datação epistemologicamente distantes. Contudo, mesmo diante de tantas propostas, acreditamos que o livro de Josué se for pensado na perspectiva de sua formação inicial não deve ser desvinculado das políticas dos grupos de sustentação do reinado de Josias (Noth, 1993). Estes textos deviam fazer parte das políticas públicas deste reinado.

Agora, por outro lado, se o pesquisador adere à idéia das redações bíblicas, penso que não deve perder de vista o limite no pós-exílio persa onde há uma relação até mais explícita do nome de Josué (conquistador e discípulo de Moisés) com a do sacerdote Josué, líder dos sadoquitas.¹⁴ Acreditamos que entre esses limites históricos possa ter ocorrido a depuração do livro de Josué - tenho sempre em mente que o elemento que vai definir as datações é sim a opção de abordagem de cada intérprete bíblico.

Então, pensando novamente na varanda, após se prestar atenção nas épocas em que foram colocados os objetos na varanda - Josué que nos encontramos agora, como o seu morador não chega, vamos arriscar algumas interpretações tendo em vista o que reparamos previamente da orquestração e arquitetura dela.

4. NÃO DÁ PARA FICAR QUIETO... TEMOS QUE FALAR DE SUA BELEZA!

Depois de olharmos com cuidado tamanha beleza e harmonia organizacional, passamos a falar das impressões que ficamos ao observarmos de

¹³ O texto que José Luís Gonzaga do Prado (2005, p.28-36) trata detalhadamente sobre a formação do livro de Josué e o seu vínculo com o pós-exílio. Comenta ao longo do texto na possibilidade de um exílio babilônico dos judeus, ou apenas de uma metáfora mítica para um exílio psicológico.

¹⁴ Quem defende esta proposta com propriedade na América Latina é o biblista fluminense Ribeiro, 2006, p.31-42. Agora, em termos de estudo de Josué entre os católicos, que adere em certa medida a isto é Niher, 2003, p.170-176.

dentro a varanda. Ora, até agora, o seu morador não chegou, e resolvemos dizer que esta varanda cada vez mais nos parece ser mais irretocável.

Nesta varanda, (o livro de Josué) aquilo que mais chama a atenção (ao menos inicialmente) é a sua tônica que vai da guerra até a violência tidas justamente nos primeiros capítulos do livro. Esta é uma das características do livro que nos ajuda a perceber o traço popular de origem nas suas narrativas contendo lendas etiológicas.¹⁵

Podemos ver, principalmente dentro dos capítulos de treze até o vinte e dois que há na palestina uma distribuição das terras entre as tribos de diferentes origens. Compreendemos que isso ocorre porque a terra para os autores do livro de Josué é uma dádiva. Dádiva que possibilita a vida do povo bíblico e de todo povo na terra, e logo, o elemento terra, é distribuído entre os seus habitantes para que a vida seja humanizada. Esta é uma chave evocada dentro do livro de Josué comum a literatura deuteronomista, e que faria muito bem aos dias atuais, pois seu valor está na íntegra da origem do judaísmo e do cristianismo, como podemos ver tanto em Josué, quanto no livro de Atos dos Apóstolos.

Outro detalhe que pode ser destacado se encontra junto aos capítulos 23-24. Neles se destaca a obediência a Torá como valor que se passa de geração a geração, isto é, indo de Moisés até Josué – o que indica novamente a atuação deuteronomista destes projetos. Autores que teriam relacionado o projeto de Josué com o compromisso com a escrita e leitura da Deus, como se destaca em 23,6-8,12 e 15.

Agora, propomos voltar à questão das lendas que introduzem esta literatura. Por elas serem de características populares, dizemos que não há parâmetros monoteístas estabelecidos, mas sim, apenas idealizações monolátricas rascunhadas. Falamos monolátricas porque nestas lendas não se desconsidera a existência dos outros deuses, mas, fomenta um certo panteão palestino. Fator que ajuda a não qualificar o texto com uma intervenção sacerdotal tão fortificada, como exprimem alguns críticos bíblicos. Parece-nos por isso, que a redação do livro pudesse ter sido fomentada em grande parte, no exílio babilônico – e não nos tempos persas.

¹⁵ Todas as discussões e características comedidas neste tópico foram baseadas no texto de Herbert Niehr (2003, p.170-176), como também, de Milton Schwantes (1986).

CONCLUSÃO

Para terminar, afirmamos que particularmente foi interessante introduzir Josué, pois de fato, seu livro parece ser uma varanda que estamos observando e aprendendo mais e mais sobre seu autor-dono. Fazemos assim o voto de que esta introdução e sua literatura sirva de auxílio e de apoio, mais para os alunos do que para os especialistas iniciarem sua pesquisa no livro.

Em todo caso, que este livro possa dia-a-dia nos mostrar o quanto é importante no contexto dos países espoliados, que venham a existir políticas públicas de democratização das terras, assim o voto é, na medida do possível, o livro de Josué que nos ajuda a cada dia a encontrarmos as saídas para a vida, e cada vez mais experimentarmos suas belezas.

*Prof. Ms. Fábio Py Murta de Almeida
Mestre em Ciências da Religião pela Universidade de São Paulo (Umesp). Professor de Antigo Testamento no Seminário Teológico Batista de Niterói e na Faculdade Batista do Rio de Janeiro (Fabat) – mantida pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (Stbsb).*

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fábio Py Murta. *Uma ecologia refém do poder econômico: leitura exegética sócio-econômica de Deuteronômio 5,12-15*, dissertação de mestrado em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007, p.57-104.
- ALT, Albrecht. “Considerações sobre a tomada da terra pelos israelitas”, em Albrecht Alt, *Terra prometida*. São Leopoldo, Sinodal, 1987, p.59-110.
- FINKESTEIN, Israel e SILBERMANN, Neil Ascher. *A Bíblia não tinha razão*, São Paulo, A girafa, 2003, 515p.
- DREHER, Carlos. “Josué: Modelo de Conquistador?”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, Petrópolis, Vozes, v. 12, 1992, p. 36-50.
- GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 aC*, São Paulo, Paulinas, 1986.
- _____. *Introdução socioliterária da Bíblia hebraica*, São Paulo, Paulinas, 1988, p. 233-254.

- GRADL, Felix. "Os livros da história do povo de Deus", em Felix Gradl e Franz Josef Stendebach, *Israel e seu Deus: guia de leitura para o Antigo Testamento*, São Paulo, Edições Loyola, 2001, p.59-76.
- MERSTES, Carlos. "Como se faz Teologia Bíblica hoje no Brasil", *Revista Estudos Bíblicos*, n.1, Petrópolis, Vozes, 1981, p.7-19.
- NIHER, Herbert. "O livro de Josué.", em Erich Zenger (org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p.177-184.
- NOTH, Martin. "O deuteronomista: 1943-1993 – 50 anos de crítica autoral", em *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, Editora Nova Jerusalém, 1993.
- REIMER, Haroldo. *Richet aut das Recht! Studien zur Botschat dês Propheten Amos*, Stuttgart, 1992, 354p.
- RIBEIRO, Osvaldo Luis. "Bíblia e História", em Haroldo Reimer e Valmor Silva (orgs.), *Contribuições para o Primeiro Congresso de Pesquisa Bíblica*, São Leopoldo, Oikos, 2006, p.31-42.
- SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulinas, 1987.
- PRADO, José Luís Gonzaga, "A invasão/ocupação da terra em Josué: duas leituras, duas faces", em *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vozes, 2005, p.28-36.
- SANT'ANNA, Élcio. "Antropologia bíblica cultural", *Visão Teológica*, Dourados, v. 1, n. 1, 2005, p. 7-14.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*, São Leopoldo, Sinodal, 2002.
- SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo, Paulinas, 1977.
- SILVA, Airton José. "A história de Israel na pesquisa atual", em *Estudos Bíblicos*, nº71, Petrópolis e São Leopoldo, Vozes e Sinodal, 2001, p.62-73.
- WEBER, Max. *As duas vocações: ciência e a política*, São Paulo, Cultrix, 1983.
- WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to The history of Ancient Israel*, New York, Merian Boks, 1975.